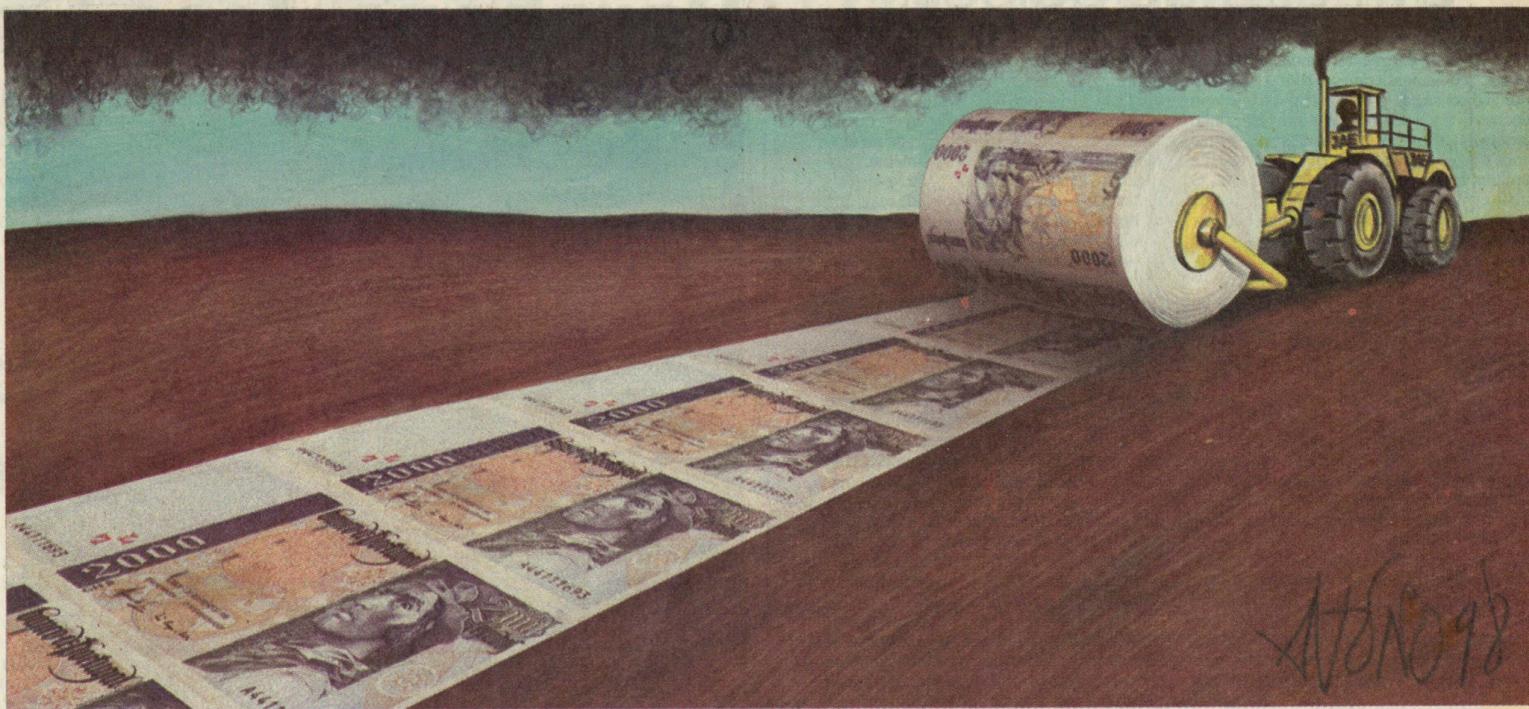


Integram esta edição, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: **Revista, 2º Caderno, Emprego, Imobiliário, Cartaz, Vidas.** E ainda: Guia Imobiliário e Dossier Golfe

Expresso revela documento secreto das Finanças sobre a JAE



Relatório prova corrupção

- 2 empresas receberam 645 mil contos através de 'despesas confidenciais' e 23 funcionários cobraram 163 mil contos entre 92 e 94
- Sousa Franco era o único ministro que sabia e não disse a ninguém
- Procurador ignorou relatório e não respeitou recomendação para o enviar ao presidente da JAE e a João Cravinho
- João Cravinho fala de 'gravíssima crise do regime democrático'

DUAS empresas de construção civil receberam 645 mil contos da Junta Autónoma de Estradas, pagos através da rubrica de «despesas confidenciais», entre 1992 e 1994. Esta é uma das conclusões do relatório que a Inspeção-Geral de Finanças (IGF) efectuou, a pedido do Ministério Público, às contas daquele organismo público.

O documento indica igualmente que 23 funcionários da JAE, autorizados a exercer ao mesmo tempo profissões liberais, o fizeram ligando-se

a empresas que forneceram serviços ou empreitadas à Junta, tendo recebido 163 mil contos nesse período. Um deles cobrou mais de 50 mil contos e quatro facturaram cada um cerca de 20 mil contos.

A versão final da investigação da IGF, concluída em 26 de Fevereiro de 1996, só teve duas cópias: uma dirigida ao procurador-geral da República, Cunha Rodrigues, e outra ao ministro das Finanças, Sousa Franco. A recomendação final dos inspectores é que fosse dado conhe-

cimento do documento ao presidente da JAE e ao ministro João Cravinho. Cunha Rodrigues, contudo, não só ignorou a indicação, como desvalorizou os indícios de gravíssimas irregularidades na JAE. Num comunicado divulgado esta semana, o procurador sustenta que «em nenhum relatório ou auditoria se evidenciaram situações de corrupção ou de financiamento de partidos políticos».

Sousa Franco, por seu turno, também não avisou nem o primeiro-

ministro nem João Cravinho das conclusões explosivas do relatório, não se conseguindo eximir às críticas dos socialistas de ter demonstrado falta de solidariedade para com um colega do Governo. Cravinho, por sua vez, não hesita em classificar o caso da alegada corrupção na JAE como «uma gravíssima crise do regime democrático», que tem de ser resolvida rapidamente, com o apuramento total de responsabilidades. «porque a suspeita envolve todas as instituições democráti-

cas, excepto a Presidência da República».

Entretanto, nos últimos dias foi aberta uma nova frente de investigação. Em causa estão actas das reuniões do conselho de administração presidido por Garcia dos Santos, e a descoberta, feita pelo actual presidente da JAE, de que existem «actas assinadas por todos e depois refeitas por alguns». Segundo o relatório apresentado a Cravinho, foram detectadas alterações nos textos e na data em que as decisões foram tomadas. ■

Supremo determina 'amnistia geral'

- Arquivados casos Partex, Fundo Social Europeu, viagens-fantasma dos deputados e Caixa Açoreana

OS PROCESSOS judiciais relativos ao caso Partex, às «viagens-fantasma» dos deputados, à falência da Caixa Económica Açoreana e às fraudes no Fundo Social Europeu, de 1986 a 1988, acabam de prescrever, não havendo já qualquer possibilidade de levar por diante o procedimento criminal contra os respectivos arguidos.

A prescrição resulta da aplicação de um acórdão do Supremo Tribunal de Justiça (STJ), de Ju-

lho passado, que é já considerado nos meios judiciais como o mais importante acontecimento jurídico dos últimos anos. O resultado é uma espécie de «amnistia» judicial de milhares de processos que correram nos tribunais nos últimos dez anos.

O acórdão do STJ surgiu ao fim de onze anos de decisões contraditórias sobre que tipo de actos processuais fazem interromper a contagem do tempo de prescrição (período de tempo, variável

consoante os crimes, que começa a ser contado a partir do momento em que o crime foi cometido).

O entendimento, fixado por unanimidade dos juízes-consultes foi o seguinte: os processos relativos a crimes praticados antes de 1 de Outubro de 1995 (data em que entrou em vigor o novo Código Penal, que estabelece novas regras), só não prescrevem se entretanto os respectivos arguidos tiverem sido ouvidos por um juiz ou notifica-

dos de uma decisão por um juiz, tal como estava previsto no Código Penal de 1982.

O problema é que em 1987 entrou em vigor o Código de Processo Penal que retirou ao juiz de instrução e atribuiu ao Ministério Público (MP) a titularidade da acção penal e a competência da realização dos inquéritos. No entanto, manteve-se em vigor o Código Penal de 1982. O entendimento agora decidido

► Última página

Governo financia empresas que dêem emprego a ex-drogados

O GOVERNO vai criar um programa de apoio ao emprego para toxicodependentes. O Programa Vida-Emprego, que será aprovado até ao fim do mês, prevê incentivos específicos às empresas que aceitem dar trabalho a toxicodependentes já tratados ou ainda em tratamento. Estes incentivos traduzir-se-ão numa participação no salário e na contribuição para a segurança social.

Segundo revelou ao EXPRESSO o ministro-adjunto José Socrates, trata-se de uma medida que «implica uma ligeira discriminação positiva» a favor dos toxicodependentes.

Entretanto, no Casal Ventoso, a situação dos toxicodependentes de rua «continua a degradar-se». Segundo o director clínico do Centro Social do Casal Ventoso, Carlos Fugas, o número de

frequentadores do bairro cresceu o mesmo que no ano passado. Os dados do Centro Social revelam que, no primeiro semestre deste ano, se inscreveram 305 novos toxicodependentes no gabinete de apoio, praticamente o mesmo número (307) que em igual período do ano passado.

Aquele técnico considera que esta situação revela a ineficácia da intervenção do Governo e da

Câmara, este ano, com a destruição das tendas clandestinas e a instalação dos toxicodependentes num barracão pré-fabricado.

José Socrates afirmou, no entanto, ao EXPRESSO que essa intervenção «foi um sucesso», porque dos cem toxicodependentes que ficaram no barracão 30 estão em tratamento em instituições de todo o país (ver págs. 18, 19). ■

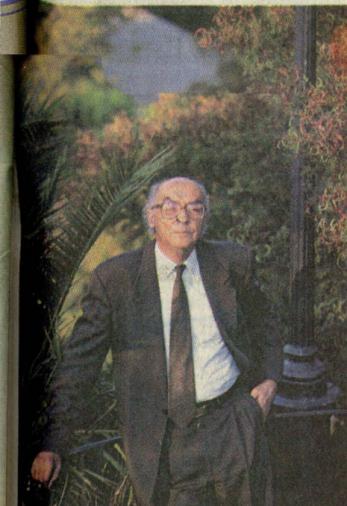
Carrefour vai vender gasolina mais barata

UM NOVO posto de abastecimento de gasolina, com preços inferiores aos praticados na generalidade do mercado, vai abrir no Norte do país no próximo sábado. O novo posto, situado junto ao hipermercado de Gaia, marcará a entrada da cadeia Carrefour no negócio de combustíveis.

O Carrefour pretende instalar bombas de gasolina junto dos seus hipermercados sempre que tal se mostre possível. Dado que em Telheiras, na cidade de Lisboa, e em Oeiras isso não será viável, devido à configuração e disponibilidade dos terrenos envolventes, o segundo posto com a insígnia da marca francesa deverá surgir em Braga.

Os responsáveis da empresa pensam ainda instalar postos de abastecimento junto aos hipermercados que já foram licenciados ou estão em fase de construção em Aveiro, Loures, Coimbra e Montijo. Cada um destes postos vai exigir um investimento de cerca de 200 mil contos, segundo as estimativas da cadeia de distribuição francesa.

De acordo com Luís Pires, um dos directores da Carrefour Portugal, a empresa não pretende com isto competir no mercado dos combustíveis mas apenas disponibilizar mais um serviço aos seus clientes. «Como os hipermercados trabalham com margens reduzidas, é natural que consigam praticar melhores preços, também nos combustíveis», sublinhou o mesmo responsável (ver 2º Caderno). ■

**EXCLUSIVO**

A 1ª entrevista depois do Nobel

«PODE-SE chegar a ser conhecido por um mundo maior, mas sempre resta uma maioria de pessoas para quem o famoso não o é», afirma José Saramago, em entrevista que o EXPRESSO publica em exclusivo para Portugal. O Prémio Nobel da Literatura diz ainda: «Nenhuma crítica, boa ou má, me fez mudar de direcção, de projecto, de temas, de intenções» (ver pág. 13).



PÁGINA DOIS

FERNANDO MADRINHA

As acusações de Garcia dos Santos sugerem um escândalo de enormes proporções, que compromete Governos, põe em causa instituições e arrasa a confiança dos cidadãos no sistema político. Um escândalo que também não deixa incólumes os vários órgãos e braços da Justiça

JAE

Um país de doidos?

O MAIS certo é o general Garcia dos Santos passar rapidamente de acusador a acusado, por não conseguir provar sozinho o que veio declarar, e ser sacrificado num pelourinho montado pelos vários poderes em que com a sua denúncia de corrupção pessoal e política na Junta Autónoma de Estradas. O mais certo é que um ou outro funcionário de terceira linha pague por todo este rebuliço e que as suspeitas de grande corrupção — a tal de colarinho branco, que o procurador-geral da República não se cansa de referir — se revelem, no fim de tudo, infundadas ou impossíveis de comprovar. Este é o desfecho natural das coisas num país onde a inconsequência das atitudes faz a regra, onde se abrem processos e inquéritos a toda a hora e a toda a hora se conclui que, afinal, nada se provou. Ou se provou tão pouco que ninguém tem de responder por coisa alguma.

As acusações do general remetem para um escândalo de enormes proporções que compromete Governos, põe em causa instituições e arrasa a confiança dos cidadãos não só nos partidos, mas em todo o sistema político. Algumas das consequências menores já estão à vista: um Governo posto a ridículo por um ministro das Finanças que faz prova de absoluta desconfiança nos seus colegas de equipa e no próprio primeiro-ministro. Só isso explica que, conhecendo a situação «preocupantíssima» da JAE, Sousa Franco tenha guardado para si as perigosas informações recolhidas por um organismo que funciona na ignorância delas, como parece ter acontecido, o chefe do Governo e o ministro seu colega que tutela a instituição suspeita.

A acusação de Garcia dos Santos sobre o desvio ilegítimo de dinheiros públicos para os cofres de partidos políticos — e estão todos sob suspeita, visto que nenhum foi identificado — é catastrófica para a sua já degradadíssima imagem junto dos eleitores e contribuintes. De pouco vale reclamarem agora audições ou inquéritos parlamentares cujo resultado, também por regra, ou é inconclusivo ou confunde mais do que esclarece. Basta recordar as deliberações de sucessivas comissões parlamentares de inquérito sobre Camarate, que ora concluem por

acidente ora por assassínio, consoante as maiorias ou as sensibilidades dominantes em cada legislatura.

É noutra sede — a da Justiça — que os factos e as responsabilidades têm de ser apurados. Mas também aqui, infelizmente, o cenário não é muito animador. Estará o sistema da Justiça — desde o mais humilde magistrado ao procurador-geral da República, desde o polícia mais modesto ao juiz mais poderoso — menos desacreditado do que o tal sistema político, tão justamente verberado?

Vai para três anos e meio que o presidente da CIP disse publicamente conhecer situações em tudo semelhantes àquelas a que agora alude Garcia dos Santos. Foi ouvido pelo procurador-geral da República, mas não houve forma, pelos vistos, de se apurar fosse o que fosse. Vai para dois anos e meio que o Ministério Público tomou conhecimento dos resultados da auditoria da Inspeção Geral de Finanças que já apontavam casos precisos de corrupção na JAE e que parece estar na origem de toda a tempestade agora desencadeada. O escândalo ficou-se pelas secretárias do ministro das Finanças e do mesmo Ministério Público que solicitara a investigação.

Ora, se não se vêem crimes que mereçam castigo, por que será que «a comunidade nacional continua a pensar que persiste uma indesculpável impunidade naquilo que costuma designar-se por criminalidade de colarinho branco», como dizia o procurador-geral da República há uma semana? Será porque vivemos num país de doidos — ou de inconsequentes mentais, para citarmos o ministro João Cravinho — que se inclinam a dar razão a qualquer um que apareça a dizer que a corrupção alastra? Não deve ser por isso, já que o próprio procurador afirmava, no mesmo discurso da semana passada, a propósito da tal «indesculpável impunidade»: «Não me escuso de reconhecer que é uma percepção fundada, ainda que provavelmente excessiva.» E é ainda Cunha Rodrigues que conclui, solene e determinado: «É preciso mudar.»

Mudar? O procurador-geral da República já está no cargo há 13 anos... Tem certamente razão.

NOBEL

Parabéns, José Saramago!



Luís Carvalho

FAZ agora dois anos, o país rejubilava com a atribuição do Prémio Nobel da Paz a dois timorenses destemidos, que entregaram a vida à causa da autodeterminação do seu povo. Era um prémio à coragem de dois homens, mas o que se homenageava em D. Ximenes Belo e Ramos-Horta estava para lá do seu próprio trabalho por Timor. Era a memória dos muitos milhares de mortos, o sofrimento de todos os perseguidos, a ousadia de uns poucos resistentes armados, a esperança do povo todo na liberdade que tarda. Um prémio que em parte convocava a própria diplomacia e a opinião pública portuguesas, tanto como os seus dirigentes políticos que, anos a fio, se bateram pela causa timorense no palco internacional.

Com José Saramago, tudo é diferente. Ninguém mais é para aqui chamado senão ele e a sua obra. O orgulho é de todos os falantes da Língua Portuguesa, com certeza, sejam leitores ou não leitores do laureado. Mas nada mais se premeia com este Nobel senão o trabalho do escritor. A sua consagração mundial há-de chamar a atenção para a Literatura em português no seu conjunto, que muito justamente beneficiará, por ser um dos seus quem vai receber a mais alta distinção que se pode almejar. Mas se o talento é algo de tão singular e absolutamente intransmissível, se a escrita é, como facilmente se compreende, o trabalho mais íntimo e solitário que existe, não há Nobel tão pessoal como o da Literatura, entre todas as disciplinas que a Academia sueca considera e distingue ano após ano. Eis um prémio de que ninguém mais pode reclamar a mínima parte, ainda que muitos venham, como é natural, a colhe-lo de algum benefício. Do país inteiro, das suas instituições e dignitários, o que se espera é isto: que saibam agradecer a José Saramago com a nobreza devida ao mérito de um grande maratonista da arte de romanciar e sem os oportunismos espúrios que algumas vezes emergem em situações desta natureza. O melhor é dizer apenas, como se diz nos painéis que a Câmara de Lisboa já pôs na rua: «Parabéns, José Saramago!»

5 DE OUTUBRO

O Presidente da República e a loja de porcelanas

JORGE Sampaio quis fazer um 5 de Outubro diferente e reuniu os presidentes das juntas de freguesia no Centro Cultural de Belém. Só isto já bastava para imprimir originalidade às comemorações, cujo modelo tradicional — romagens a cemitérios, coroas de flores na estátua de António José de Almeida e um discurso gritado da varanda do município — não costuma mobilizar mais de umas dezenas de velhos «maçons» e alguns passantes surpresos por tantos carros pretos reunidos e uns pungentes toques de clarim.

Os presidentes das freguesias vieram todos,

garantindo uma audiência de três mil. Já não era coisa pouca para uma festa do 5 de Outubro. Mas o PR decidiu acrescentar um outro factor de interesse a estas comemorações. E em lugar de uma récita insossa sobre democracia e liberdade — é o que os presidentes costumam fazer nestas ocasiões — optou por um discurso de fundo que produziu ondas de choque ainda difíceis de avaliar, em especial dentro do PS.

A semana foi demasiado rica em emoções fortes para conjecturarmos agora sobre o que terão

ficado a pensar os três mil presidentes de juntas, quando Sampaio se pôs a dizer-lhes, à frente de Guterres e de quase toda a «classe política», que o seu discurso «está desfasado, muitas vezes, da realidade que, no quotidiano, preocupa as pessoas»; que «o sistema político apresenta sinais evidentes de desgaste»; que se «avoluma um fosso terrível entre eleitores e eleitos»; que por isso mesmo deve ser corrigido o que está mal nas leis eleitorais, no financiamento dos partidos, nas incompatibilidades e remunerações dos cargos políticos e por aí adiante.

Sampaio tem razão em tudo o que fez e em tudo o que disse neste 5 de Outubro. Tem razão e mérito em procurar fórmulas mais estimulantes e mobilizadoras para assinalar as grandes efemérides nacionais — ainda que este primeiro ensaio possa não ter sido especialmente feliz. E tem razão absoluta sobre o diagnóstico que faz do sistema político. Só que as boas intenções produzem, não raro, um efeito contrário àquele que se propõem. Não falamos já de algum desajustamento entre esta proclamação do PR e o seu discurso

habitual, que tem, precisamente, o defeito de poucas vezes se distinguir pela clareza. Mas com o escândalo da JAE por pano de fundo, um outro escândalo político em perspectiva — a possível abstenção maciça no referendo sobre as regiões — o PR entrou no tema da regeneração do regime com cuidados semelhantes aos do elefante que entra na loja de porcelanas. Pelo contexto em que foi proferido, o mais certo é este discurso moralizado só ter contribuído para arruinar ainda mais a imagem do sistema que pretende salvar.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO PARA EXECUTIVOS

- Gestão
- Gestão Estratégica para o Sector Financeiro
- Gestão de Seguradoras
- Gestão e Avaliação de Projectos
- Gestão de Recursos Humanos
- Negociação e Liderança
- Marketing
- Finanças
- Direito de Empresa
- Informação e Comunicação para Empresas
- Informação e Comunicação para Administração Pública
- Internet e Gestão de Turismo e Lazer

METODOLOGIA INOVADORA DE FORMAÇÃO PARA QUADROS EMPRESARIAIS:

- Sessões quinzenais aos sábados nas instalações da Universidade Católica Portuguesa.
- Acompanhamento tutorial no local de residência ou trabalho através de uma Rede Telemática sobre Internet.

Docência a cargo de 25 professores doutorados e 30 especialistas da Universidade Católica Portuguesa

DURAÇÃO: Janeiro de 1999 a Dezembro de 1999.
INSCRIÇÕES: Até 20 de Novembro de 1998.

BROCHURA E INFORMAÇÕES:

PROGRAMA DISLOGO
Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima - 1600 LISBOA
Linha Directa: 01-721 41 40 / 721 41 49; Fax: 01-721 41 44
E-mail: helpdesk@server.dislogo.ucp.pt
Internet: http://www.dislogo.ucp.pt



Mais de 900 Especialistas
diplomados de 637 empresas

VENDEM-SE CACHORROS

RETRIEVER LABRADOR

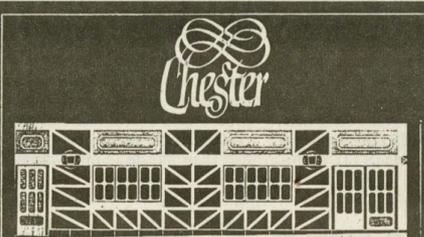
Excelente ninhada. Registados e c/ vacinas
Tel.: 01 / 797 75 59 - 0931 496 29 09

Cozinhas e salas de banho

SEDE - EXPOSIÇÃO - VENDAS
Frielas - Loures - Tel.: (01) 989 70 00 - Fax: (01) 989 70 01

FILIAS
Lisboa - Rua Acácio Palma, 2-B-C-D - Tel.: (01) 849 16 88
Vila Nova de Milfontes - Largo do Mercado - Tel.: (083) 99 70 11
Torres Vedras - Rua António L. Ascensão, 8-A - Tel.: (061) 31 39 80
Reguengos de Monsaraz - Av. Dr. Ant. José de Almeida, 17 - Tel.: (088) 51 91 31

PEDRO & MANTOVANI, SA
COZINHAS E SALAS DE BANHO.



RESTAURANTE * BAR

DA TRADIÇÃO DA BOA CARNE
À QUALIDADE DO BOM PEIXE

ESPERAMOS POR SI !

Rua Rodrigo da Fonseca, 87-D, 1250 Lisboa
Telefone (01) 388/811 / 385 7347

Estacionamento garantido
encerra ao Domingo

ALMOÇO DE CURSO

CURSO DE ENGENHARIA QUÍMICO-INDUSTRIAL (IST DE 71)
(JUNHO 1971 - 1.º CURSO DA REFORMA DOS 5 ANOS)
Na sequência do anúncio publicado neste Jornal em Maio e Junho que comunicava a realização de um almoço de confraternização no dia 10 de Outubro deste ano, informamos agora todos os colegas que a realização do mesmo almoço foi adiada para o dia 24 do mesmo mês e a realizar no Restaurante «MONACO», pelas 13h e 30m.
Deverá a tua presença ser confirmada até 20 do corrente, para o próprio restaurante. Tel.: n.º 448 23 80 / 442 81 88 (Dr. Ana Paula), ou para os colegas Clemente (397 88 52), Fátima (841 73 35), Maria (758 32 22) e Gina (792 27 00 / 28 00).
NÃO TE ESQUEÇAS! TELEFONA E APARECE!
Pelos Comités Organizadores

EURO FARDAS

COMÉRCIO DE CONFECÇÕES E SERVIÇOS, LDA.
BIBES ESCOLARES • BATAZ PROFissionais • FATOS TRABALHO • FARDAS E UNIFORMES
LOJAS:
CACÉM ☐ Fax 426 28 93 LISBOA ☐ 848 45 52
BOADELA-SACAVÉM ☐ 955 46 87 / 955 49 10 Fax: 955 23 31
COVA PIEDADE ☐ 273 28 81 LEIRIA ☐ 044 - 83 17 09

Empresa em Festa

A sua Empresa merece o melhor.
Deixe que a Penha Longa organize um Evento muito especial nos seus variados espaços.
Uma homenagem, uma festa, uma comemoração inesquecível para os seus colaboradores e clientes.

Contacte-nos e deixe-se surpreender.

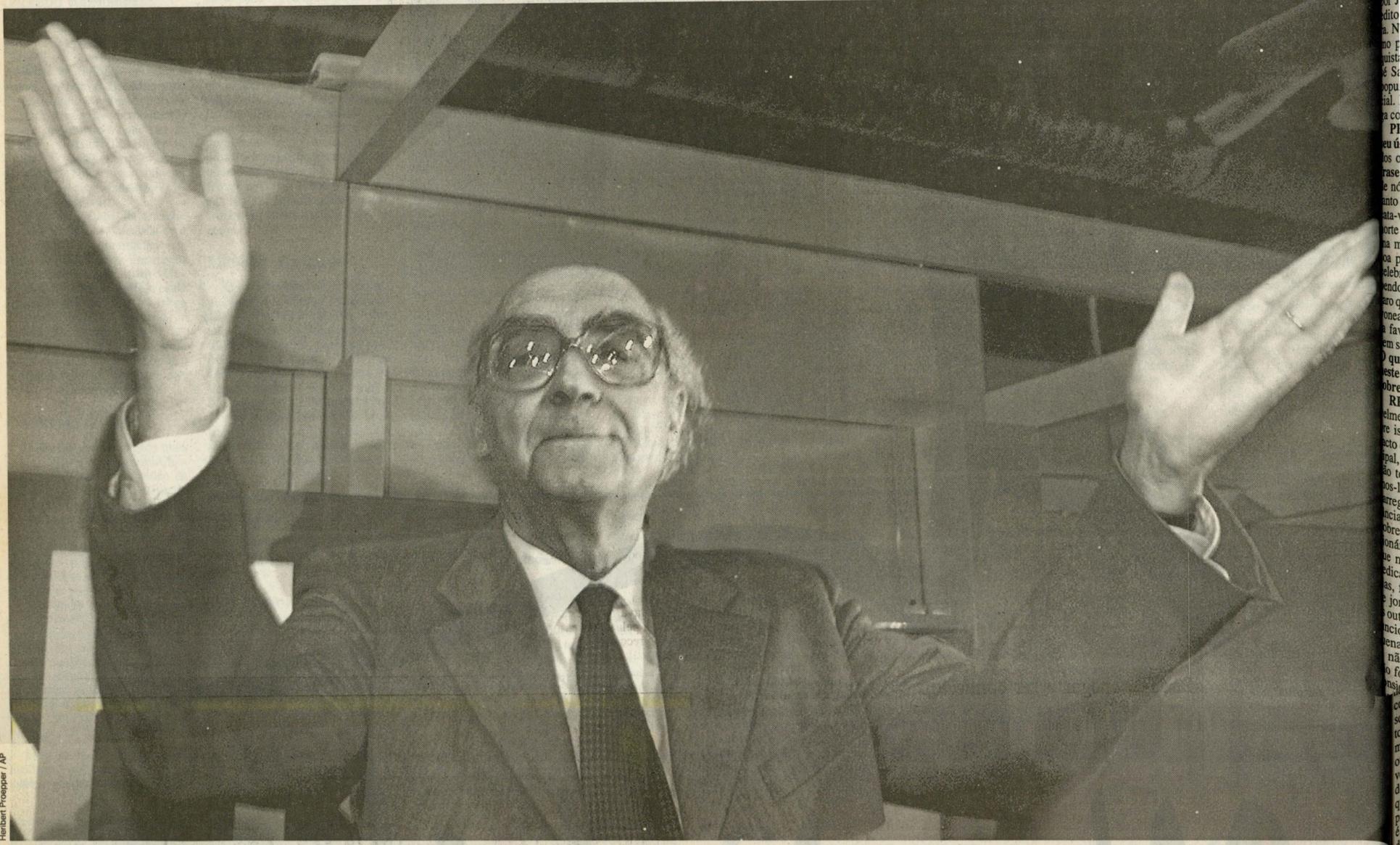
CESAR PARK
PENHA LONGA
Golf Resort

Caesar Park Penha Longa - Estrada da Lagoa Azul, Linhó - 2710 Sintra - Portugal
Tel.: (01) 924 90 11 - Fax: (01) 924 90 07

SOCIEDADE

Após sucessivos anos de expectativas goradas, a literatura portuguesa tem um Nobel. Dêncantado, em parte, com o seu país, José Saramago encontrou em Lanzarote a terra de eleição. Agora, o escritor chegou, definitivamente, a todo o mundo

Levantado a pulso



José Saramago em Frankfurt, ante os jornalistas. Há muito que o Nobel da Literatura começou a caminhar: nasceu numa aldeia, passou a infância em Lisboa, aprendeu a ler e cedo foi trabalhar. Agora, um prémio que vale bem mais do que 170 mil contos

CLARA FERREIRA ALVES

PODÍAMOS começar pela fotografia, a fotografia de Sebastião Salgado, na capa do vol. IV dos *Cadernos de Lanzarote*. A fotografia está dividida em duas pelo fio do horizonte, que corta o céu e a terra como uma lâmina. Do lado da terra, um homem caminha, só, por um caminho que parece aberto só para si, por si. Não há mais ninguém na paisagem, só o homem que caminha, batido pelo vento que sopra de frente e agita os cabelos da silhueta recortada no negrume indeciso. Ao longe, o perfil das montanhas, e na segunda metade da fotografia a metade do céu, nuvens espalhadas e uma luz que começa. Podia ser a luz do amanhecer, quando o Sol impõe uma claridade aos vulcões e à beleza queimada da ilha de Lanzarote. Ou podia ser a luz do ocaso, um poente promissor, para além do horizonte, das montanhas, de tudo. Para além do tempo. Afinal, este é o Ano do Triunfo de José Saramago, o ano do Prémio Nobel de Literatura, o ano em que ele volta a «*encontrar os dias pelos dedos e encontrar a mão cheia*».

O homem que caminha na sua ilha, direito, braços abertos, passo miúdo e controlado, começou a caminhar há muitos

anos. A Azinhaga do Ribatejo não é um lugar de escritores, mas este escritor passou a infância em Lisboa, nas escolas públicas aprendeu a ler, cedo foi trabalhar. A casa dos pais não era uma casa de livros e bibliotecas, mas o homem tinha aquilo que os fatalistas chamam um destino, e os mais lúcidos uma vocação, e foi à procura dos seus livros e dos seus escritores. Assim se começa a abrir um caminho. Um escritor não nasce sozinho, por trás dele corre uma linhagem de ilustres, aquilo que os teóricos chamam os «precursores».

O caminho da escrita

Cada escritor cria, como escreveu Borges a propósito de Kafka, os seus precursores. A frase é: «*O seu trabalho modifica a concepção do passado, como há-de modificar a do futuro*». Os dele foram os romancistas, românticos, realistas, convencionais e modernos, europeus e americanos, que devorou pelos fins de dia na biblioteca do Palácio Galveias, a escola principal. Passa-se sempre por Goethe antes de chegar a Camus, ou por Dostoiévski antes de chegar a Kafka. E os portugueses, os clássicos portugueses, a quem pediria emprestados o brio e o vigor da língua,

os desvios sonhadores e a imaginação aventureira de Camões, a vagabundagem literária à Mendes Pinto, a veemência e a pregação da oratória barroca do Padre António Vieira. A desorientação metafísica de Pessoa, alguma poesia feita da agitação do tempo em que lhe coube viver e da febre da consciência. Há uma Lisboa de Pessoa como há, sobretudo depois de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, uma Lisboa de Saramago. Uma Lisboa que já estava em muitas das crónicas que escreveu em jornais, para ganhar a vida, via sacra do candidato a escritor, e textos onde pela primeira vez se vê, claramente visto, que o caminho da escrita é só um, na direcção da luz, como na fotografia de Salgado.

O escritor tinha publicado, em 1947, um primeiro romance, *Terra do Pecado*, a chamada «obra de juventude», como se lê na capa da reedição da *Caminha*. É um romance onde está a matriz das preocupações humanas e políticas do escritor, o empenhamento, a inquietação com «*o sofrimento, a miséria, a dor*». As palavras, escritas no livro, são banais, mas as situações também. Os anos haveriam de cavar em José Saramago um profundo cepticismo, uma descrença ontológica que se transforma na parte substantiva de livros como *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*. No caminho do escritor ampara-o o bordão da convicção, uma crença política que nunca renegou e que lhe valeu, nas palavras do «*Osservatore Romano*» a propósito do Nobel, a designação de «*comunista inveterado*».

Sem nunca alinhar a novelística pela régua e o esquadro do neo-realismo, Saramago tão-pouco desdenhou o estabelecimento do paralelo entre a ausência de um Deus desconhecido e a falência da condição humana armada de princípios divinos em nome dos quais matou, exterminou, estropiou.

Aquilo a que chamam nele o sentimento anti-religioso é, religiosamente, a nostalgia de um mundo perfeito, talvez um mun-

do divino feito por homens falíveis ou o seu contrário, um mundo humano feito por homens divinos. Em todo o caso, um mundo impossível. O modelo comunista ideal seria, assim, um mundo impossível. Mas ler Saramago junto à vela onde alumia convicções políticas é lê-lo mal, ou lê-lo pouco. Os *Cadernos de Lanzarote*, diário da sua ilha, da sua casa, da sua vida, anunciam de volume para volume, da ingenuidade diarística primordial — género difícil, o confessional —, uma atenção que cresce e entra pelo mundo físico que o envolve, um amor extremo pelos gestos pequenos, uma exortação à felicidade entremeadas de episódios, impressões, histórias, passagens, alguns mortos.

A lição da ilha

José Saramago, que interrompeu o caminho literário durante tantos anos, anos de jornais e agruras, de empregos e trivialidades, de querelas políticas, anos de subsistência, regressou em 1980 com *Levantado do Chão*, escrito no Alentejo, junto dos alentejanos, depois de perder o emprego de director do «*Diário de Notícias*».

Levantado do Chão é um bom título. O homem levantou-se e continuou a caminhar para a luz. Nunca mais parou. *Memorial do Convento*, que não ganhou o Grande Prémio da APE desse ano, perdendo com honra para *Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires, instalou o escritor no lugar dele.

Há, em José Saramago, a solidão de quem se dispôs a assinar o silêncio. Toda a escrita é feita de avanços e recuos, transacções entre o autor e o texto, viagens por dentro de lugares inabitáveis e extremos. Na ilha, dentro do vulcão donde se espregueia a eternidade — «*um vulcão é uma lição de filosofia*», escreve —, o homem encontrou uma terra. A sua terra. A partir daí, o escritor pode fazer aquilo que fazem os grandes escritores: mostrar a língua portuguesa.

Na hora zero

RUI ROCHA
enviado a Frankfurt

QUINTA-FEIRA, 8. Pouco passa das 15h. Em breve José Saramago dirá aos seus editores peninsulares: «*Não duvido que tenho aqui muitos amigos que estão contentes*». Mas, antes dessas palavras, as primeiras após chegar à área dos editores portugueses na Feira do Livro de Frankfurt, há o silêncio. Levemente encolhido contra uma porta que teima em não se abrir, Saramago cala-se, mostra apenas na face contida uma emoção profunda, velada pelo ar perplexo de quem acaba de ser arrancado à multidão de câmaras, microfones, gravadores e blocos que transformaram a sua chegada à Feira numa confusão a custo dominada por dirigentes do ICEP e da APEL. Na véspera à noite, tinha dito esperar o Nobel — «*da Economia, claro*» — pelos números com que ilustrava a concentração de riqueza no mundo actual. «*Foi uma brincadeira*», comenta. Quer voltar o mais cedo possível a casa, a Lanzarote: «*Amanhã, ao meio-dia. Eu estou aqui, a minha mulher...*» (Pilar del Rio ficará lá, não valia a pena vir a Frankfurt por um dia.)

Toca um telemóvel. É o Presidente da República: primeiro político a cumprimentá-lo. Minutos depois, o primeiro-ministro congratular-se-á na rádio. Mais tarde telefonarão o secretário-geral do seu partido, Carlos Carvalhas, e Álvaro Cunhal («*Não, não considero o Prémio Nobel uma resposta aos meus ideais políticos*», dirá, duas horas depois, na conferência de imprensa. «*Quero crer que a Academia Sueca não se rege por outros critérios que não os literários, e ainda bem*»).

O seu editor espanhol afadiga-se, sugere que pode parar um dia em Madrid, dar uma conferência de imprensa... Os seus editores presentes, uma dezena, vêm abraçá-lo. Chamam-se os outros (escassos) jornalistas portugueses, improvisa-se um encontro. Em Saramago a emoção organiza-se aos poucos em palavras, à medida que surgem perguntas. Antes delas, um comentário típico do olhar ácido sobre o mundo: «*Estas câmaras, toda esta agitação, dirigem-se ao Prémio Nobel, não é por ter escrito tudo que fiz*». Responde à Antena Um: «*Quando se apanha uma pancada, fica-se à espera de recuperar os cinco sentidos. É como estar diante de uma parede branca*». E encontra, entre o que lhe sucedeu nas últimas duas horas e meia (são 15h30 aqui), a metáfora para con-

tar a experiência: «*Quando saía do aeroporto tive de percorrer um corredor imenso, completamente deserto, com a minha garbada, a minha pasta, completamente sozinho. Sinto agora um recolhimento, uma espécie de serenidade — estranhíssima, reconheço*». Será com a referência ao corredor que responderá às perguntas da imprensa sobre o que sentira.

Na véspera, a convite do Instituto Português do Livro, participou num debate polémico, «*Ser comunista hoje*», com Alice Vieira, Mário de Carvalho e Urbano Tavares Rodrigues. Antes, nos bastidores, enquanto o público entrava, tinha-se conversado sobre o Nobel: um escritor nórdico? Africano? A hipótese de ser ele pesava no ar, tal como a quase certeza de nova desilusão, e ninguém ousou levantá-la — a não ser, depois, o premiado, com a frase irónica já referida. Ele devia partir na quinta às 12h55, o Nobel era anunciado às 13h; foi o editor português, Zeferino Coelho, da *Caminha*, que lhe disse, a sós, que telefonasse, dois minutos antes de entrar no avião, para o caso de... Saramago telefonou a uma menos dois minutos, o avião estava atrasado. Coelho esperava que Sena Santos lhe dissesse de Lisboa o resultado, e ouviu um grito na redacção: «*É o Saramago*». O ICEP pede à Ibéria que chame o passageiro-nobel, Coelho informa Saramago, diz-lhe que tem de voltar à Feira, ele quer partir, ouve no altifalante o nome: «*Señor Saramago...*»

Veio encontrar na Feira a multidão de jornalistas e os amigos empunhando apropriadas rosas vermelhas, que o ICEP arranjara. Sabemos o que aconteceu depois. O embaixador em Bona não apareceu, nem um Falcon que levasse Saramago a receber o entusiasmo do país. Ontem foi homenageado em Madrid, antes do regresso às Canárias. Ficam as palavras: «*Tenho um sentimento de satisfação pessoal e um sentimento patriótico por aquilo que fiz, pela língua portuguesa, por Portugal, pelo Brasil, Angola, Moçambique, por todos esses países, e peço que aceitem o Nobel como sendo igualmente seu*». E é justo que fique um elogio ao ICEP, pelo apoio que deu à representação portuguesa na Feira e lhe permitiu estar à altura da atribuição do Nobel, como pela eficiência com que improvisou um «cocktail» e fez cartazes que no dia seguinte proclamavam «*Nobel Prize / A portuguese writer*»; e outro ao Instituto do Livro, por cuja iniciativa Saramago veio a Frankfurt.

**BEM
ESTAR
NA CEDÊNCIA
TEMPORARIA**



GALILEU
TEMPORARIO

Rua do Salitre, 134 - 1250 LISBOA
Tel. 387 84 30 Fax 387 85 77
Alvará nº. 162

JOSÉ SARAMAGO

«Não vivo em função da fama»

JUAN CRUZ*

O PRÉMIO Nobel da Literatura de 1998 foi entrevistado por Juan Cruz, director da editora espanhola Alfaguara. Na conversa, tendo como pano de fundo a conquista do Prémio Nobel, José Saramago fala sobre a popularidade e o êxito social. Excertos de uma longa conversa.

PERGUNTA — No seu último romance — Todos os Nomes — há uma frase que diz: «A fama, aí de nós, é uma aragem que tanto vai como vem, é um cata-vento que tanto vira a norte como a sul e, da mesma maneira que uma pessoa passa do anonimato à celebridade mal se apercebendo como, também não é raro que depois de se ter pavoneado diante do entusiasmo favor do público acabe sem saber como se chama». O que o levou a reflectir, neste livro, precisamente sobre a fama?

RESPOSTA — Provavelmente não reflectiria sobre isso se não fosse pelo facto de a personagem principal, o herói, que de herói não tem nada mas chamamos-lhe herói, aquele que carrega o peso ou a importância da narrativa, ser um pobre escrivão, um funcionário do registo civil no seu tempo livre se dedica a coleccionar notificações, fotografias e imagens de jornais e revistas sobre outros. (...) Decidi que o funcionário tivesse essa pequena mania. Provavelmente não teria essa ideia se não fosse pelo facto de eu, considerando-me uma pessoa comum, não como escritor, mas também inclusivamente como escritor mais ou menos conhecido, não tivesse sempre esse sentido da relatividade daquilo a que chamamos fama. Em primeiro lugar, a fama não é em si mesma positiva e pode acontecer que muitas vezes uma pessoa seja famosa por razões negativas. Então, o que é a fama? A fama não passa disso, de ser conhecido. Há um nível em que, mais ou menos, todos somos conhecidos, mesmo que seja na rua onde vivemos, no círculo das nossas amizades ou na actividade que temos, e falamos de nós bem ou mal. Depois pode-se chegar a ser conhecido por um mundo maior, na nossa aldeia, no nosso país, em vários países, no continente onde se está ou no mundo inteiro, mas, de todas as formas, sempre resta uma maioria de pessoas para quem o famoso não o é. (...) Mas o que é preciso ter muito claro é que há milhões de pessoas que não sabem quem somos. Essa é a ideia que um famoso deve sempre ter.

P. — Este encontro com outras pessoas é a única compensação de ser muito conhecido pelo público ou há outras?

R. — Não sei se é uma compensação, porque desde o momento em que concedes entrevistas ou te convidam para um congresso e te tiram fotografias, pensas que o que dizes ou fazes é importante para os outros, e eu creio que não, ou pelo menos que não o é sempre. O que se passa é que como este mundo não pode viver sem notícias, chamam-lhe notícia, ainda que a sua importância radique no facto de um escritor dar a sua opinião sobre qualquer coisa que se passou por aí. Não é que uma pessoa não deva opinar, o que se passa é que o facto de dar uma opinião como escritor muitas vezes leva a esquecer que a opinião que dá não era tanto como escritor, mas sim como cidadão. (...)

Há famas e famas, a verdade é que algumas famas pequenas, e quando digo famas pequenas digo, por exemplo, a minha, que é mais rica de consequências, de relações, de amizades, de aproximação das pes-

soas do que a fama de um Ronaldo, se quiser, que é muitíssimo mais famoso do que eu ou que qualquer outro escritor da Europa e do Brasil. Ronaldo é conhecido em todo o mundo, mas não é por isso que um espanhol ou um brasileiro lhe vai escrever para lhe dizer: «Olhe, o golo que marcou leva-me a repensar toda a minha vida, tudo o que estou a fazer, todos os meus sentimentos...». A fama não é em si mesma vaidade, mas se uma pessoa se deleita com ela, então não é mais do que isso, vaidade. (...)

P. — Gostaria de falar agora da sua própria fama. Alguma vez imaginou uma situação como a actual, em que é uma pessoa notável, conhecida do público, querido, requestado?

R. — Não, de modo nenhum. Passei quase toda a minha vida como um cidadão discreto, com os seus amigos, com umas quantas pessoas que me conheciam, inclusivamente, a partir do momento em que comecei a escrever livros, os meus leitores contavam-se por umas quantas dezenas, nada mais, e não tinha mais eco do que aquele que tivera ao escrever umas colunas na imprensa e depois ao recolhê-las em livro.

É certo que essa pequena vaidade de me ver publicado e editado me deu uma alegria, que é uma alegria inteiramente normal. (...)

P. — Que efeitos teve sobre si e a sua obra o facto de ser agora, voluntária ou involuntariamente,

pécie... não de necessidade, porque eu, pessoalmente, se amanhã não pudesse escrever mais, continuaria a viver tranquilamente a minha vida, suponho. O que quero dizer é que no momento de escrever não estou a pensar se o que estou a escrever irá acrescentar, aumentar ou diminuir a fama que tenho, e o que estou a escrever não está condicionado pelo facto de eu ne-

cessitar que essa fama se torne maior. (...)

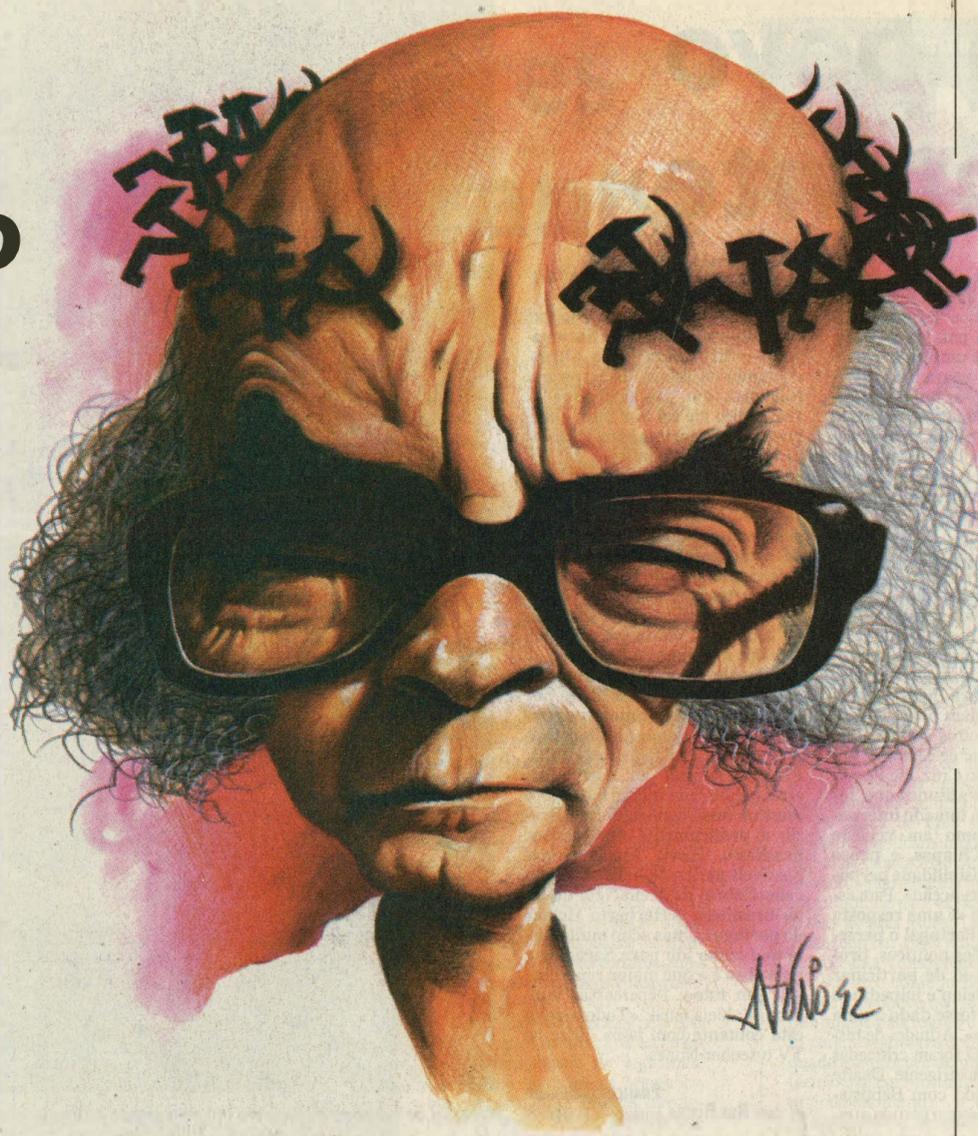
P. — Como reage perante uma crítica negativa, mas que justifica a sua posição?

R. — Até agora não me lembro de nenhuma crítica má no sentido de dizer que o livro é mau, reticências, dúvidas e tudo isso. Sim, isso acontece, mas não sei. Claro que não me agrada, prefiro que se diga que o livro é bom e que o escritor é bom. O que acontece é que, embora eu goste que

se fale dos meus livros, e procure e pergunte se saiu alguma crítica, a verdade é que nenhuma crítica, boa ou má, me fez mudar de direcção, de projecto, de temas, de intenções.

P. — Por razões, digamos, de política cultural, decidiu romper com Portugal e por circunstâncias da vida acabou por ir viver para Lanzarote, onde, no início, era um absoluto desconhecido, um cidadão anónimo. Em Portugal era uma pessoa conhecida. Como se pode aceitar essa mudança tão radical entre ser um cidadão que se reconhece na rua por outro que não se distingue entre tantos estrangeiros que vivem em Lanzarote?

R. — Com muita naturalidade. Creio que isso está relacionado com o que disse antes, que não vivo em função da fama, não vivo para ela e nem sequer vivo dela. O importante que eu tinha em Portugal era o facto de estar fazendo o que fazia, os meus livros e tudo isso. Que a consequência directa era eu ser conhecido, não acrescenta nada ao que é essencial, que é o próprio livro, os livros. Quando mudei, quando a minha vida deu uma volta e vim viver para Lanzarote, o facto de durante um ano, mais ou menos, ninguém me conhecer e eu passear pelas ruas como qualquer outro não



O mal-amado

A CÂMARA Municipal de Mafra, dominada por sociais-democratas, poderá rever o «chumbo» dado à proposta do conselho directivo da escola secundária local para ser baptizada com o nome de José Saramago. O presidente da distrital de Lisboa do PSD, Duarte Lima, disse ao EXPRESSO já ter falado com Ministro dos Santos, vice-presidente na distrital e presidente da câmara de Mafra, para o convencer a desistir de ser «um segundo Torquemada», numa alusão à decisão de Sousa Lara, ex-subsecretário de Estado da Cultura de um Governo de Cavaco Silva, de vetar a nomeação do livro do escritor ribatejano O Evangelho Segundo Jesus Cristo como candidato ao prémio europeu da literatura, em 1992. Mas como o parecer de uma autarquia nestas questões não é vinculativo, o Ministério da Educação poderá dar um parecer favorável à alteração do nome da escola. «A situação está a ser ponderada», disse uma fonte oficial do Ministério de Marçal Grilo.

Além de se ter, em duas alturas diferentes, recusado a dar o nome do escritor à escola secundária, a autarquia deu em 1993 um «não» veemente a uma sugestão dos vereadores do PCP e do PS que propuseram a medalha de outro de Mafra para Saramago, em homenagem ao Memorial do Convento.

«Espero que o PSD e a autarquia reconsiderem a posição tomada até agora. E desejo também que o PSD peça desculpas públicas ao premiado», defendeu Duarte Lima. «O episódio com Sousa Lara foi dos mais infelizes; a política, quando tenta tutelar a cultura, perde sempre», disse Lima ao EXPRESSO. Esta orientação já havia sido perfilhada pelo ex-deputado do PSD no programa «Conversas Secretas», da SIC, emitido na véspera do anúncio do prémio, mas gravado em Agosto.

Sousa Lara, que saiu do Governo de Cavaco Silva na remodelação ocorrida no final de 1992 depois de ter dado uma nota vermelha ao livro O Evangelho Segundo Jesus Cristo como candidato ao prémio europeu da literatura e incompatibilizado com o seu secretário de Estado, Santana Lopes, congratula-se com a escolha de Saramago, mas acusa o escritor de ter «um enorme 'lobby' internacional a seu favor». «O prémio da academia tem a ver com o partido comunista, com a sua mulher, que é uma jornalista muito famosa em Espanha, e outras questões», acrescenta.

E quanto à «excomunhão» do Evangelho... Lara mantém a mesma posição: «Houve uma razão substantiva na minha decisão porque o livro em causa — não era a obra do escritor a ser avaliada — tem um conteúdo manifestamente atentatório contra aquilo que é o credo dos cristãos portugueses».

MONICA CONTRERAS

*Exclusivo
«El País»/EXPRESSO

Tradução de AIDA MACEDO

«Pode-se chegar a ser conhecido por um mundo maior, na nossa aldeia, no nosso país, em vários países, no continente onde se está ou no mundo inteiro, mas sempre resta uma maioria de pessoas para quem o famoso não o é»

mais conhecido, mais requisitado? Que efeitos teve sobre o seu tempo, a sua maneira de ser, a sua atitude relativamente aos outros?

R. — Creio não ter mudado, penso que a fama não me mudou, que os amigos que tenho, os de sempre, continuam a reconhecer o eu que era antes no que sou agora. Isso por um lado, e, por outro, o facto de essa fama existir não tem nenhuma influência na obra, eu escrevo cada livro por uma es-

cessitar que essa fama se torne maior. (...)

P. — Como reage perante uma crítica negativa, mas que justifica a sua posição?

R. — Até agora não me lembro de nenhuma crítica má no sentido de dizer que o livro é mau, reticências, dúvidas e tudo isso. Sim, isso acontece, mas não sei. Claro que não me agrada, prefiro que se diga que o livro é bom e que o escritor é bom. O que acontece é que, embora eu goste que

T2 com 139 m2* a dois passos da praia

(*) Área média dos apartamentos desta tipologia ainda disponíveis.

Também disponíveis apartamentos T1 e T3

Com excelente localização junto à Praia de Carcavelos, e acabamentos da mais elevada qualidade, nas Residências RIVIERA você encontra apartamentos invulgarmente espaçosos. Aproveite já esta oportunidade única de viver numa casa que faz o seu estilo.

Promoção e comercialização: **QUINTA DO JUNQUEIRO S.A.** Com o apoio do: **BANCO INTERNACIONAL DE CRÉDITO**

Visite o andar-modelo. Stand de Vendas no local, todos os dias incluindo Sábados e Domingos.

Tel: 456 45 42 / 44

Lisboa
Av. da Liberdade, 173
1250 LISBOA
Tel: 3124600 - Fax: 3534729

Av. Guerra Junqueiro, 8 - 1.º Dtº
1000 LISBOA
Tel: 848454/8499601 - Fax: 8460451

Av. do Uruguai, 6 - 1.º
1500 LISBOA
Tel: 2141824/2143170 - Fax: 2161832

R. Fernando Curado Ribeiro, 4 E
1600 LISBOA
Tel: 2577622/2577631 - Fax: 2577645

Porto
R. Duque da Terceira, 381 - 1.º
4000 PORTO
Tel: 560380/561130 - Fax: 5102652

Coimbra
Pr. da República, 15
3000 COIMBRA
Tel: 834969/829285 - Fax: 833916

Almada
Pr. do MFA, 12 - 1.º
2800 ALMADA
Tel: 2760234/2753218 - Fax: 2769353

Funchal
R. da Carneira, 240 - 1.º
9000 FUNCHAL
Tel: 743718 - Fax: 743067

E-mail: cambridge@mail.telepac.pt

Web site: <http://www.cambridge.pt>

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

33 ANOS EM PORTUGAL

INGLÊS • FRANCÊS • ALEMÃO PORTUGUÊS para estrangeiros

CAMBRIDGE SCHOOL CAMBRIDGE EXECUTIVE SCHOOL

ANO LECTIVO 1998-1999